

SER MESTIÇA NA FRONTEIRA: A CIDADE E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM BORDERLANDS/LA FRONTERA DE GLORIA ANZALDÚA E “ROOTING” (THE SUN AND HER FLOWERS) DE RUPI KAUR

Bianca de Carvalho Lopes Barros¹
Brenda Carlos de Andrade²

RESUMO

O conceito de identidade é uma das principais noções teóricas para o campo dos Estudos Culturais (assim como para os estudos pós-coloniais) e discutido por estudiosos como Stuart Hall (1992), Homi Bhabha (1994), dentre outros. Também importante referência teórica, a autora chicana Gloria Anzaldúa introduz nos textos *To Live in the Borderlands* (1987) e *Borderlands/La Frontera* (1987), a ideia de uma identidade *mestiza* que nasce da fronteira interseccional simbólica de múltiplos espaços identitários. De semelhante modo, a autora indiana-canadense Rupi Kaur descreve na seção “rooting” do livro *The Sun and Her Flowers* (2017) uma “ponte” entre a Índia e o Canadá e através dessa fronteira mais ampla constrói sua identidade fragmentada, assim como expõe a exclusão, a subalternização e o silenciamento do sujeito de fronteira, principalmente na condição de imigrante. Nessa perspectiva, considerando ainda a relação homóloga entre a estrutura descentralizada da fronteira simbólica e aquela do espaço urbano, bem como a influência da cidade na formação da identidade e da cultura da qual trata Lehan (1998), percebe-se um diálogo entre as autoras e seus textos, uma vez que ambas partem do ambiente urbano enquanto zona de conflito e descrevem o profundo impacto

1 Mestranda pelo Curso de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE, barrosbianca@live.com;

2 Professor orientador: Profa. Dra., Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE, brenda.andrade@ufrpe.br.



que os laços com a cidade possuem na formação das identidades híbridas ou mestiças representadas.

Palavras-chave: identidade, fronteira, cidade, Gloria Anzaldúa, Rupi Kaur.

INTRODUÇÃO

No poema “To Live in the Borderlands” (1987), a escritora chicana Gloria Anzaldúa retrata a experiência de uma identidade *mestiza* no espaço de fronteira cultural. Através desse entrelugar, a consciência *mestiza* – “*una conciencia de mujer*” (ANZALDÚA, 1987, p.77) – que nasce da intersecção de múltiplos espaços identitários, tem acesso a várias culturas e está conectada a diferentes “vozes” (ou identidades) ao mesmo tempo. No entanto, apesar da pluralidade ser um aspecto positivo desse espaço, é também um fator que contribui para que a fronteira seja um ambiente de um intenso e desgastante conflito físico e emocional onde as diversas vozes puxam o indivíduo para lados opostos, não sendo possível escolher o caminho ou a qual voz dar ouvido: o indivíduo é o campo de batalha e para sobreviver, é necessário flexibilizar os limites desse entrelugar fronteiro e acolher a pluralidade de vozes que coexistem na identidade *mestiza*.

De semelhante modo, as noções de intersecção entre espaços identitários, da crise de identificações e da busca por estabilidade presentes nos textos de Anzaldúa podem ser vistas também nos poemas da autora indiana-canadense Rupri Kaur. Especialmente na seção “rooting” do livro *The Sun and Her Flowers* (2017), Kaur descreve o espaço de fronteira em um sentido mais amplo, pois este se refere a um sentimento de ser “ponte” entre a Índia e o Canadá, assim como expõe a exclusão e a subalternização – e muitas vezes também o silenciamento – dos pais e de outros familiares, de conhecidos e de si mesma, principalmente na condição de imigrante, o que ocorre através da identificação de traços ou características que “denunciam” a sua origem estrangeira, diferente e/ou inferior como o sotaque quebrado ao falar inglês, o vestuário típico da cultura Punjabi, o tom da pele, o formato dos olhos ou as sobrancelhas grossas.

A partir de breve análise dos textos de Anzaldúa (1987) e de Kaur (2017), percebe-se na abordagem da identidade *mestiza*, uma articulação entre os conceitos de identidade, cultura e espaço/lugar. As 3 noções estão interligadas e podem ser associadas a diversos campos teóricos, sendo por essa razão amplas e de difícil definição.

Identidade, por exemplo, é uma das principais noções teóricas para o campo dos Estudos Culturais (assim como para os estudos pós-coloniais), que, embora seja um campo relativamente novo, mostra através de seus estudos como a busca por identificações dialoga com diferentes aspectos da cultura, acompanhando as diferentes sociedades e culturas ao longo da história, particularmente no contexto atual.

Dentro os estudiosos que discutem a noção de identidade, o sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall se destaca enquanto uma das mais importantes figuras teóricas pois já na década de 90 identificava “um vigoroso debate na teoria social” a respeito do conceito, especialmente porque em razão da globalização, percebia um profundo processo de descentralização das fronteiras geográficas e simbólicas que estruturavam e orientavam as sociedades naquele momento.

Com a flexibilidade dos limites estruturais, espaços de fronteira ou entre-lugares identitários passaram a ser formados não apenas na dimensão física como também na dimensão simbólica (cultural). Nesses locais, diferentes culturas e identificações são aproximadas e há um contínuo e simultâneo trânsito cultural que permite ao sujeito pós-moderno estar “[...] em todas as culturas ao mesmo tempo” (ANZALDÚA, 1987, p.77) e assumir “[...] identidades diferentes em diferentes momentos” (HALL, 2014, p. 12). A partir desse fluxo intercultural e interespacial, surge uma identidade híbrida (BHABHA, 1994) ou *mestiza* (ANZALDÚA, 1987) cuja noção dialoga também com a de identidade fragmentada do sujeito pós-moderno elaborada por Hall (1992). Nesse contexto, a ideia de identidade una, estável, completa e que proporciona segurança ao indivíduo se torna fantasiosa, pois além da multiplicidade do espaço de fronteira contribuir para uma crise identitária, também atribui caráter de fluidez e efemeridade da modernidade na qual está inserida a identidade do sujeito de fronteira, tornando-a “uma celebração móvel” (HALL, 2014, p.11).

Acrescenta-se a essas noções a ideia de Edward Said (1978) a partir do questionamento do Orientalismo, onde, segundo ele o Oriente é diametralmente oposto ao Ocidente e frequentemente associado à inferioridade cultural e ao exotismo e que evidencia uma hierarquia onde a cultura superior é associada ao Ocidente e a inferior, aos países do Oriente e/ou de Terceiro Mundo.

Ainda na perspectiva da oposição entre Oriente e Ocidente, trazemos o que pontua Gayatri Spivak (1988) a respeito da superioridade e inferioridade associadas a essas culturas – e que se estende a outros grupos minoritários –, onde um caráter de inferioridade é atribuído e imposto à **cultura e ao sujeito oriental. Em razão dessa atribuição, o indivíduo oriental é constantemente colocado na posição de subalterno, tendo vetados acessos e oportunidades a elementos e situações que garantem a sua dignidade humana, como as oportunidades de fala.**

Apresenta-se também, a ideia de Kimberlé Creenshaw (1989) no tocante a intersecção de diferentes espaços identitários e na contribuição dessa convergência para a opressão de mulheres de cor, mas associada as noções de

“entrelugar” de Bhabha (1994) e a do espaço da “fronteira” de Anzaldúa (1987), para lançar luz sobre a opressão social e cultural a que a consciência *mestiza* é submetida em razão da multiplicidade de identidades e dos *loci* identitários.

Por fim, percebe-se que tanto Anzaldúa quanto Kaur partem de entrelugares entre dois países – a primeira, da região sul do estado do Texas, localizado na fronteira entre México e Estados Unidos, e a segunda, de uma “ponte” entre a Índia e o Canadá e que apesar do destaque atribuído ao espaço simbólico, entende-se o espaço urbano como um fator determinante para o destino cultural e um elemento inseparável do processo de construção das identidades individual e nacional (LEHAN, 1998). Compreende-se ainda a cidade enquanto zona de conflito cujos limites são líquidos e flexíveis e que não só por isso, promove a aproximação e pluralidade de identidades, mas também contribui para que o caos político e social se origine (LEHAN, 1998). Assim, destacam-se as localizações urbanas a partir das quais as autoras constroem suas identidades híbridas ou *mestizas* bem como as relações estabelecidas nesses espaços e com eles.

Assim, apesar do intervalo temporal e da diferença da fronteira abordada, acredita-se que o diálogo promovido entre as obras e os contextos trabalhados pelas autoras venha a contribuir para a reflexão acerca da temática da identidade *mestiza* (e polifônica) e dos espaços identitários da fronteira simbólica e no contexto da cidade.

METODOLOGIA

Em razão da temática da construção da identidade *mestiza* ou híbrida no espaço de fronteira simbólica compartilhada entre o corpus – tema pertinente aos campos dos estudos culturais e pós-coloniais – este trabalho se propõe a realizar análise comparativa de caráter qualitativo, exploratório e descritivo a partir da aproximação entre os poemas selecionados, fundamentando sua análise nas noções de modernidade líquida; identidade fragmentada, híbrida ou *mestiza*; de fronteira e/ou entrelugar, como também a ideia de cidade. Acrescenta-se a proposta, levantamento de elementos biográficos das duas autoras a fim de esclarecer determinadas perspectivas ou posturas adotadas pelas vozes literárias presentes nos respectivos textos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No poema “To Live in the Borderlands” (1987) – bem como no capítulo “La conciencia de la mestiza” do livro *Borderlands/La Frontera* (1987) –, a escritora

chicana Anzaldúa retrata a experiência de uma identidade *mestiza* no espaço da fronteira cultural.

Como aponta Stuart Hall no capítulo “A Identidade em Questão” do livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (1992), esse espaço simbólico surge em razão da globalização que atribui a modernidade na qual o sujeito está inserido caracteres de fluidez, efemeridade e imprevisibilidade, propriedades características dos líquidos (BAUMAN, 1999). A modernidade líquida, continua Hall (*ibidem*) submete as sociedades modernas à profundas mudanças estruturais em suas fronteiras, que se tornam maleáveis e passíveis de constantes deslocamentos, possibilitando a intersecção de espaços de entremeio e permitindo, assim, frequentes encontros entre diferentes *loci* identitários.

Para Anzaldúa, é justamente a intersecção desses múltiplos espaços identitários e o fluxo entre eles que possibilita o surgimento de uma consciência *mestiza* – “*una conciencia de mujer*” (ANZALDÚA, 1987, p.77), plural, com acesso a várias culturas e conectada a diferentes “vozes” (ou identidades) ao mesmo tempo.

Ao abordar a identidade *mestiza*, Anzaldúa atribui importância ao espaço de fronteira. No entanto, embora haja uma relação entre o poema e aquele do capítulo – como evidencia a semelhança dos respectivos títulos) – o entrelugar abordado diferente de um texto para outro: enquanto no poema, a fronteira diz respeito a um entrelugar simbólico, no texto do capítulo tem-se pistas de uma encruzilhada que parte de espaços urbanos.

No que diz respeito a construção de identidade, entende-se a partir de Lehan (1998) o espaço urbano – ou seja, a cidade – como um fator determinante para o destino cultural, além de um elemento inseparável das identidades individual e nacional, e que cuja influência na construção da identidade se dá em razão da capacidade do indivíduo de se reconhecer no ambiente, sentir que pertencer a ele e ainda, de classificá-lo ou atribuir-lhe significado (LIMA, 2011) a partir do conjunto de signos e símbolos – isto é, a cultura – materializado no *locus*.

Nascida em Rio Grande Valley, no Texas, ao longo de sua vida, Anzaldúa traça fronteira entre os estados do Texas, Arkansas, California e Vermont, mas é com a região do Rio Grande Valley, localizado na região sul do Texas e que faz fronteira entre Estados Unidos e México, que ela desenvolve um laço social e uma profunda memória afetiva:

Tierra natal. Esse é o meu lar, as pequenas cidades do Valley, *los pueblitos* com os galinheiros e os bodes em cercados de galhos de arbustos (mesquite). *En las colonias* do outro lado da estrada, carros velhos se enfileiram nos jardins das casas

ornamentadas de lavandas e cravos-rosa – o que chamamos, conscientemente, de arquitetura Chicana. Senti falta dos programas de TV em que os apresentadores falam em espanhol e inglês, e em que são dados prêmios na categoria música Tex-Mex. Senti falta de ver os cemitérios mexicanos florescendo com flores artificiais, os campos de aloe-vera e pimenta vermelha, fileiras de cana-de-açúcar, de milho pendurado nos talos, a nuvem de *polvareda* nas estradas de terra, deixadas por uma veloz camionete, *el sabor de tamales de rez y venado*. Senti falta de *la yegua colorada* roendo o portão de madeira de seu estábulo, o cheiro de carne de cavalo nos currais de Carito. *He hecho menos las noches calientes sin aire, noches de linternas y lechuzas* fazendo buracos na noite. (ANZALDÚA, 1987, p.89, tradução nossa)

Apesar da memória afetiva, Anzaldúa não ignora a existência de embates pelo qual passou o Valley e que o tornaram tão hostil ao próprio povo chicano. De acordo com Silva (2017), Anzaldúa “[...] parte do campo teórico cultural e geopolítico para encontrar o espaço de conflito entre a região de fronteira entre México e Estados Unidos” (p.33) e faz questão de registrar, por exemplo que aquela região “[...] sobreviveu a posse e ao mal uso de 5 países: Espanha, México, a República do Texas, os Estados Unidos, a Confederação, e os Estados Unidos novamente. Sobreviveu a disputas Anglo-Mexicanas, linchamentos, queimadas, estupros e saques.” (ANZALDÚA, 1987, p.90, tradução nossa).

Considerando então os conflitos aos quais foi submetida a geografia do Valley, pode-se entender também o espaço urbano como uma zona de conflito a partir do qual o caos político e social se origina (LEHAN, 1998) e cujas experiências vividas e as relações estabelecidas no espaço e com ele, contribuem para a formação da identidade fragmentada e *mestiza* de que trata Anzaldúa (1987).

Seguindo em sua reflexão, Anzaldúa enxerga a luta do Valley pela sobrevivência, mas percebe e é afetada pela devastação que os conflitos impuseram sobre o espaço e a cultura daquele local e que nega à sua gente o direito de exercer dignamente a vida na cidade:

Ainda sinto o velho desespero quando olho para as casas de sobras de madeira, sem pintura, dilapidadas, consistindo, na sua maioria, de alumínio ondulado. Algumas das pessoas mais pobres nos Estados Unidos vivem no Vale do Baixo Rio Grande, uma terra árida e semiárida, com lavoura irrigada, sol e calor intensos, pomares de frutas cítricas próximos a chaparrais e cactos. Atravesso pela escola primária, onde estudei

há muito tempo, que continuava segregada até recentemente. Lembro como as/os professoras/es brancas/os costumavam nos punir por sermos mexicanas/os. (ANZALDÚA, 1987, p.89)

Ao observar a história dos chicanos, percebe-se no texto Anzaldúadino a continuidade das inúmeras dificuldades deste grupo para a sua inserção na sociedade norte-americana. Através de símbolos culturais como a literatura, os filmes e as novelas, tem-se o reforço de uma posição de inferioridade e subalternização imposto a eles e nesse ponto, Anzaldúa convoca chicanos e chicanas para a luta, colocando que é importante que não só

individualmente, mas também enquanto entidade racial, façamos ouvir nossas necessidades. Precisamos dizer a sociedade branca: Precisamos que vocês aceitem o fato de que chicanos são diferentes, que reconheçam a rejeição e negação do nosso povo. Precisamos que vocês assumam o fato de olhar para nós como algo menos que humano, de que vocês roubaram nossas terras, nossa pessoalidade, nosso autorrespeito. Precisamos que vocês façam uma restituição pública: [...] vocês apagam nossa história e nossa experiência porque isso faz vocês se sentirem culpados – e vocês preferem esquecer os seus atos brutais [...] (ANZALDÚA, 1987, p.85-86, tradução nossa)

Assim, considerando a encruzilhada que se estabelece no ambiente da cidade e os conflitos que surgem nesse espaço, podemos olhar para o espaço de fronteira cultural de onde nasce a identidade *mestiza* como um espaço simbólico que espelha a organização da fronteira urbana bem como os embates que nele se desenvolvem.

Nesse *locus*, a consciência *mestiza* está “[...] em todas as culturas ao mesmo tempo” (ANZALDÚA, 1987, p.77) e, por isso, pode assumir “[...] identidades diferentes em diferentes momentos” (HALL, 2014, p. 12) e assim como na fronteira geográfica, é impossível controlar o fluxo entre as culturas e a ideia de controle absoluto da realidade nesse espaço é ilusória, pois ainda que se tente realizar um inventário cultural, “[...] *es difícil* diferenciar entre *lo heredado*, *lo adquirido*, *lo impuesto*. [...]” (ANZALDÚA, 1987, p.77), já que diversas vozes (ou culturas) falam simultaneamente e puxam o indivíduo para lados opostos (HALL, 1992), não sendo possível escolher um caminho ou a qual voz dar ouvidos.

De forma homóloga as fronteiras espaciais e sociais, a identidade *mestiza* entende que, para sobreviver ao intenso conflito interno, é preciso “ser a

fronteira” e flexibilizar ou liquefazer os limites de modo a acolher a múltiplas identidades que existem dentro de si.

Entendendo as fronteiras como construção humana que “[...] que apenas nos dividem fisicamente [...]” (KAUR, 2017, p.118), a escritora indiana-canadense Rupi Kaur também aborda as noções de intersecção entre espaços identitários, da crise de identificações e da busca por estabilidade na perspectiva do imigrante ou estrangeiro.

Dentro os temas presentes na escrita de Kaur, a autora explora principalmente na seção “rooting”(enraizar) do livro *The Sun and Her Flowers* (O que o sol fez com as flores) a questão fronteiriça a partir da imagem de uma “ponte” entre a Índia e o Canadá, bem como a realidade da diáspora sul-asiática, a exclusão e a subalternização – e muitas vezes também o silenciamento – dos pais, de outros familiares, de conhecidos e de si mesma, principalmente na condição de imigrante, o que ocorre através da identificação de traços ou características que “denunciam” a sua origem estrangeira, diferente e/ou inferior como o sotaque quebrado ao falar inglês, o vestuário típico da cultura Punjabi, o tom da pele, o formato dos olhos ou as sobrancelhas grossas.

Nascida em Hoshiarpur, Punjab, Índia, Kaur tem sua vida transformada completamente ainda na infância quando migra com a família para o Canadá para se reunir com o pai da autora, que, de acordo com Kumar (2017), havia migrado para o Canadá um mês após o nascimento da filha a fim de escapar da perseguição aos Sikhs³.

Assim como com Anzáldua, Kaur e a família percorrem um caminho dentro do território canadense antes de se estabelecer em Brampton, subúrbio da cidade Toronto no Canadá. Mas apesar da localização da fronteira na cidade, não é possível saber, no entanto, quais espaços urbanos compõem o entrelugar de Kaur além de Brampton, o que nos leva a tomar a região como referencial de espaço para a construção da “ponte” simbólica, bem como da identidade híbrida da autora e daquela representada nos textos.

A partir do entorno dessa cidade simbólica, então, a voz literária descreve com frequência a hostilidade do espaço urbano que constantemente quer “cuspir (o estrangeiro) para fora”, ou seja, expulsá-lo do seu território, condiciona o seu direito de viver na cidade e afeta o desenvolvimento de relações positivas com o espaço. Esse sentimento tem início na segregação do próprio espaço físico:

3 Seguidores do Siquismo ou Sikhismo, religião e filosofia fundada no século XV na região de Punjab, Índia.

você divide o mundo
em pedaços e
os chama de países
declara posse
ao que nunca lhe pertenceu
e deixa o resto com nada (KAUR, 2017, p.127, tradução nossa)

Assim como Anzaldúa, Kaur é sensível aos conflitos que ocorrem no espaço urbano:

bombas colocaram cidades inteiras
de joelhos hoje
refugiados embarcaram em barcos sabendo
que seus pés podem nunca mais pisar em terra novamente
a polícia matou pessoas a tiro por causa do tom da pele
mês passado eu visitei um orfanato onde
bebês abandonados e deixados na calçada como lixo
mais tarde no hospital eu vi uma mãe
perder o filho e a mente
em algum lugar um amante morreu
como eu posso me recusar a acreditar
que minha vida é algo além de um milagre
se em meio a todo esse caos
me foi dada essa vida (KAUR, 2017, p.120, tradução nossa)

Em “broken english” (inglês quebrado), poema que encerra a seção “rooting”, o eu-lírico descreve a difícil experiência do pai e da mãe na migração para o novo país, traçando uma ponte entre um passado na terra natal e o momento posterior a chegada a terra estrangeira. Na exposição da tentativa de vida urbana, aspectos como a barreira linguística e a capitalização do espaço urbano são ressaltados e chocam o estrangeiro, pois este é privado de exercer a cidadania por ser imigrante e não possuir condições de acesso à vida urbana.

No entanto, apesar da hostilidade presente no espaço da cidade para com o estrangeiro e que a maioria das experiências socioculturais retratadas pelo eu-lírico do poema sejam negativas, a voz literária entende que a identidade que nasce desse entrelugar urbano é também uma positiva e plural “celebração móvel” e celebra o hibridismo promovido por essa “ponte” fronteiriça:

a minha voz
é uma fonte
de dois países que colidem
o que há para se envergonhar
se a língua inglesa
e minha língua materna
fizeram amor
minha voz
são palavras de seu pai
e sotaque de sua mãe
o que importa se
minha boca carrega dois mundos. (KAUR, 2017, p.129, tradução nossa)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o contexto atual onde as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) tem intensificado o processo de descentralização das estruturas das sociedades modernas, aproximado cada vez mais as culturas e contribuído para a transformação da identidade em moeda de troca nos espaços de fronteira, torna-se imprescindível trazer novamente a noção de identidade para a pauta de discussão.

No campo dos Estudos Culturais (assim como no dos estudos pós-coloniais), o conceito de identidade representa uma das principais noções teóricas e o processo de sua construção constitui uma das principais temáticas abordadas nas pesquisas. Em razão das estruturas descentralizadas, fluídas e maleáveis presentes na atual modernidade, estudiosos como Stuart Hall (1992) e Homi Bhabha (1994) concebem um sujeito pós-moderno cuja identidade é fragmentada ou híbrida e formada a partir de espaços de fronteira ou entrelugares identitários que surgem em razão da flexibilidade dos limites das sociedades modernas.

Acrescenta-se a identidade do sujeito pós-moderno a perspectiva da identidade *mestiza* proposta pela autora chicana Gloria Anzaldúa. Para a autora, essa identidade surge de um espaço interseccional ou de fronteira, onde se tem um fluxo intenso entre diversas culturas e seja possível acessar diferentes identidades ao mesmo tempo. No entanto, apesar de rico em diversidade, o entrelugar é também um lugar de conflito onde a fala simultânea das múltiplas vozes ou identidades puxam o sujeito em direções opostas, não sendo possível escolher a qual voz dar ouvidos. Diante desse desgaste físico e mental, a

consciência *mestiza* entende que para sobreviver e viver na fronteira é preciso ser o próprio entremeio, ou seja, é preciso flexibilizar os limites e acolher a multiplicidade característica do espaço simbólico.

Nesse sentido, a pluralidade e o hibridismo presentes na noção apresentada por Anzaldúa dialogam com a concepção do sujeito pós-moderno proposta por Stuart Hall (1992) e da visão do indivíduo híbrido discutido por Bhabha (1994), uma vez que a estrutura maleável e fluída de que o espaço da encruzilhada demanda reflete a descentralização e instabilidade dos limites que orientam as sociedades modernas no contexto atual, além de contribuírem para que a ideia de identidade una, estável, completa e que proporciona segurança ao indivíduo se torne fantasiosa (HALL, 1992).

De forma análoga a Anzaldúa, a autora indiana-canadense Rupí Kaur estabelece entrelugar entre a Índia e o Canadá e expõe como o território estrangeiro pode ser um ambiente hostil ao estrangeiro, principalmente na condição de imigrante e/ou pertencente a cultura historicamente oprimida, e lhe impor diversas barreiras para experimentar a vida naquele espaço de forma digna.

Na abordagem da construção da identidade *mestiza*, tanto Anzaldúa quanto Kaur destacam um entrelugar simbólico de onde a identidade surge. Sem desprezar a relevância desse espaço, é de suma importância considerar também de que localização (ou localizações) urbana as autoras partem, pois, a cidade tem papel determinante no futuro cultural, não podendo ser separada dos processos de construção das identidades individuais e nacionais (LEHAN, 1998).

Assim, enquanto Anzaldúa desenvolve a identidade *mestiza* a partir da relação com o território do Rio Grande Valley, no Texas, Rupí Kaur descreve experiências urbanas a partir do olhar imigrante no Canadá, mas sem circunscrevê-las a uma localização em específico e de forma homóloga aos espaços de fronteira onde ocorrem conflitos que desgastam a identidade *mestiza*, a cidade também pode ser compreendida enquanto zona de conflito a partir da qual o caos político e social se origina (LEHAN, 1998), pois embora construção social, traz à tona a segregação e opressão sociocultural, uma vez que baseada na lógica capitalista da modernidade e em atribuições de inferioridade e superioridade cultural, divide, limita e nega acesso a condições de uma vida digna no próprio espaço, tornando-se ambiente hostil para o estrangeiro e influenciando consideravelmente a formação de sua identidade.

Ainda assim, apesar dos diversos conflitos no ambiente urbano e da diferença dos entrelugares abordados, tanto Anzaldúa quanto Kaur entendem suas identidades como a “celebração móvel” de que trata Hall (1992), como um conjunto diverso e plural que, assim como a consciência *mestiza*, demanda

flexibilidade para acolher as diversas vozes ou facetas do espaço de fronteira, sejam elas positivas ou negativas.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. To Live in the Borderlands. In: Borderlands/La Frontera. San Francisco, California, Aunt Luke Books, 1987, pp. 194-195.

ANZALDÚA, Gloria. *La conciencia de la mestiza*. In Borderlands/La Frontera. San Francisco, California, Aunt Luke Books, 1987, pp. 77-97.

BHABHA, Homi. The location of culture. USA and Canada: Routledge, 1994. 295 p.

CREENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8.

HALL, Stuart. Identity in Question. In: Modernity and Its Futures. Cambridge: Polity Press in association with the Open University, 1992, p. 274-316.

KAUR, Rupi. rooting. In: The Sun and Her Flowers. Kansas City, Missouri: Andrews McMeel Publishing, 2017. p. 108-141.

KUMAR, Shikha. Rupi Kaur: Life in Lower Case. Disponível em: <https://openthemagazine.com/lounge/books/rupi-kaur-life-in-lower-case/>. Acesso em: 17 Jul 2017.

LIMA, Verônica Maria Fernandes de. A Construção do Conceito de Identidade Urbanística como Contribuição ao Campo do Desenho Urbano. Cadernos do LINCC, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 160-182, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/clincc/article/view/14850>. Acesso em: 26 jun. 2022.

McLEOD, William Hewat. Sikhism. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Sikhism>. Acesso em: 20 nov. 2022.

LEHAN, Richard. The City in Literature: An Intellectual and Cultural History. University of California Press, 1998. p. 3-47.

RIZZI, Nina. Gloria Anzaldúa (1942-2004) por Thais Soranzo. Disponível em: <https://escamandro.com/2017/02/17/gloria-anzaldua-1942-2004-por-thais-soranzo/>. Acesso em: 26 Ago 2021.

SAID, Edward W. *Orientalism*. New York: Phanteon Books, 1978. 368 p.

SILVA, Fidelainy Sousa. A multiplicidade do sujeito de fronteira: As feridas abertas nas narrativas *Borderlands La Frontera* de Gloria Anzaldúa, e *Dois Irmãos* de Milton Hatoum. 2017. Dissertação (Mestrado em Teoria, crítica e comparatismo). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SPIVAK, Gayatri. Can the Subaltern Speak? In: *Marxism and the Interpretation of Culture*, eds. Cary Nelson and Lawrence Grossberg. Basingstoke: Macmillan, 1988. p. 271–313.